Ensaio Bibliográfico

Migrações de trânsito em África: sobre mobilidades e imobilidades

Review Article – Transit migration in África: about mobilities and immobilities

Andréa Lobo

NOTA DO AUTOR

TRIULZI, Alessandro & McKENZIE, Robert L. (eds.). 2013. *Long journeys. African migrants on the road.* Leiden: Brill. 206 pp.

1 Dois homens em busca do sonho de uma vida mais digna alhures, em um lugar imaginado denominado Europa. Um lugar com oportunidade de trabalho, acesso a bens, possibilidade de acumulação de riquezas e de bem-estar para si e para os seus. Um lugar onde o sonho de ser alguém se realizaria. Porém, a viagem é longa e tortuosa, marcada por violência e o receio de não chegar, seja por causa das inúmeras barreiras que separam estes dois homens de seus sonhos, seja devido à linha tênue entre a vida e morte que esta trajetória carrega em si. Um deles inicia a travessia pelo mar em um barco denominado *gal* ou *pirogue* pelos senegaleses. O outro viaja por terra a partir da Etiópia. Segue pelas rotas utilizadas por centenas ou milhares de africanos que, como ele, buscam a realização de uma outra vida na imaginada Europa.

2 Ambos, por caminhos diversos, buscam um sucesso difícil de alcançar nas trajetórias repletas de desafios naturais e humanos. Um deles, na segunda tentativa, não resiste às intempéries da jornada e acaba por morrer, juntamente com seus demais companheiros, no meio do vasto oceano que separa a costa ocidental africana do sul da Europa. O outro, após diversas tentativas, chega à Itália, onde vive até os dias de hoje tomando para si a tarefa de relatar ao mundo, por meio de seus filmes, os caminhos violentos que levam milhares de africanos a transitar rumo à Europa – trajetórias invisibilizadas e violentadas pelas políticas de fechamento das fronteiras e que

transformam sonhos em pesadelos com roteiros e desfechos múltiplos, mas sempre marcados pela dor e o desespero da caminhada.

3 É com estes dois relatos que os editores de *Long Journeys. African migrants on the road* iniciam e concluem a coletânea que aborda as denominadas migrações de trânsito que conectam África e Europa. O primeiro relato nos apresenta Amadou e sua trágica trajetória entre Senegal e a costa europeia. Por meio de uma narrativa emocionante acompanhamos com detalhes as motivações e os percursos que levam Amadou à sua última viagem. A segunda história nos é contada pelo próprio viajante, o cinegrafista etíope Dagmawi Yimer, diretor do premiado documentário *Come un uomo sulla terra* (2008). Hoje, vivendo em Roma, dedica-se a relatar narrativas, incluindo a sua, que são como janelas que nos levam às histórias não contadas de inúmeros migrantes que se lançam a longas e por vezes impossíveis jornadas rumo à Europa.[1]

4 Ambas as histórias se apresentam ao leitor como um misto de denúncia e de relato detalhado das rotas, das motivações e dos desafios que as encerram. E esta é também a tônica que perpassa os 11 artigos que constituem a coletânea. Sociólogos, antropólogos, geógrafos, historiadores, cientistas políticos e estudiosos dos *area studies* se reúnem nesta obra a partir do desafio de explorar os contextos locais-globais das migrações no sentido África-Europa e as conexões entre os migrantes africanos, as políticas de regulação das migrações e os Estados-nações que enviam, recebem e pelos quais transitam os denominados migrantes irregulares. Os editores se propõem a construir uma argumentação crítica em relação à mobilidade transnacional e a explorar as diferentes fases e os contornos da migração irregular africana para a Europa.

5 Nesse sentido, o primeiro conceito a ser problematizado é o de "migração irregular".[2] Por se tratar de uma noção que tem como fonte um contexto político marcado por inexatidões e problemas em face do outro, ao migrar para o campo analítico, tal conceito carrega a dificuldade do entendimento de processos migratórios permeados pela complexidade dos fatos sociais. Para sair deste dilema, os editores lançam questões pertinentes sobre como as migrações ditas irregulares são conceitualizadas, ou seja, como são definidas, por quem e com quais consequências. Indo além, questionam sobre o nexo entre os padrões e as experiências de migração e as formas de governança, regulação e controle que permeiam a mobilidade transnacional no sentido sul-norte atualmente.

6 Permeia a obra o questionamento das formas de entendimento reducionistas e binárias que têm sido habituais nas esferas públicas ocidentais, as quais têm simplificado tais processos migratórios em pares, como legal/ilegal, regular/irregular, vítimas/vilões ou bons/maus migrantes. No sentido de ultrapassar as dualidades que reduzem as diversas dimensões em jogo, os autores da coletânea pretendem situar o conceito de migrações irregulares num contexto histórico e global que nos permita dar conta dos critérios que definem quem pode e quem não pode entrar na Europa, dando ênfase àqueles que não podem, ou seja, aqueles que se veem imersos no sonho de migrar e na impossibilidade de realizá-lo (Carling, 2001).

7 O foco da obra, portanto, não recai no denominado imigrante ilegal em seu país de destino migratório (De Genova, 2002). Nem tampouco pretende abordar unicamente os dilemas e as motivações daqueles que aspiram emigrar. Numa perspectiva inovadora e bem-vinda no campo dos estudos migratórios, os autores reúnem análises que dão conta daqueles que estão em pleno trânsito, daqueles que ficam pelo caminho nos

denominados países de trânsito e de suas múltiplas possibilidades de seguir viagem, ficar ou regressar.

8 Com tais objetivos, os autores trabalham com narrativas individuais sem perder de vista as dimensões macro que permeiam seus universos de análise. Como resultado, temos um conjunto de textos que englobam contextos geográficos diversos – migrantes oriundos de países como Senegal, Nigéria, Etiópia e diversos países da África subsaariana – as diferentes rotas terrestres e marítimas pelas quais estes migrantes estabelecem suas longas jornadas – Turquia, Marrocos, Estreito de Gibraltar, Mauritânia, Líbia, Tunísia, Níger – e os países europeus que funcionam como porta de entrada para a Europa – Itália, Espanha, Grécia.

9 Um dos méritos destas abordagens é explicitada por Schapendonk logo na introdução de seu capítulo sobre migrantes subsaarianos em direção à União Europeia. A autora apresenta dados que desfazem o "mito" de que estaríamos diante de um êxodo africano ou de uma invasão. Agregando a dimensão histórica da mobilidade no continente africano, Schapendonk se junta a outros estudos (Kopytoff, 1987; Carling, 2007; Schildkrout, 2007; Dias & Lobo, 2012) que nos informam que a mobilidade tem sido um componente histórico vital para a vida social na África subsaariana. Além disso, chama a atenção para o fato de que a massa da migração internacional na África contemporânea acontece internamente no continente e não reflete a icônica imagem dos migrantes se movendo na direção do Ocidente.

10 Na tentativa de compreender como as mobilidades são experienciadas, a autora se dedica a analisar os resultados das crescentes políticas europeias restritivas à imigração de africanos e suas consequências sobre os grupos que acabam por se estabelecer nos chamados países de trânsito. Sua análise captura a variedade das jornadas migratórias da África ocidental para a Europa a partir de duas rotas de migrações irregulares: a rota transaariana para o Marrocos (e eventualmente a Espanha) e a rota para a Grécia via Turquia. Ao acompanhar a trajetória de dois migrantes, Schapendonk demonstra com sensibilidade que as jornadas migratórias não seguem uma linha lógica e reta, ou seja, migração não é simplesmente um movimento direto entre um lugar de origem e uma destinação. As jornadas podem ser longas, fragmentadas, perigosas, não finalizadas e ressignificadas ao longo do processo. Os lugares de destino, inclusive, podem ser redefinidos, como são os casos de jovens migrantes relatados por Bálsamo (2009), que embarcam em navios de carga rumo a uma Europa imaginada e acabam por desembarcar na América do Sul, onde se estabelecem "nem que seja por um tempo".

11 Em ambos os casos, estamos diante de processos de mobilidade que se veem interrompidos por "regimes de imobilidade" que impedem que os migrantes se movam para as direções desejadas, criando, de fato, uma imobilidade involuntária (Carling, 2001) que acaba por ser a realidade de diversas pessoas que se aventuram nessas jornadas. Esta impossibilidade de dar seguimento à viagem, somada à vergonha de retornar ao país de origem sem ter alcançado o sucesso, tem ocasionado um processo de reconfiguração das cidades fronteiriças e das dinâmicas migratórias internas no continente africano, tal como retratado por Choplin e Lombard no capítulo que explora as diferentes ondas migratórias para a Mauritânia.

12 Lançando mão de uma perspectiva histórica, os autores destacam três fases: a Mauritânia como país de imigração, o período de trânsito (2004-2008) e os dias atuais, uma situação pós-trânsito. A abordagem demonstra as dinâmicas migratórias internas no continente num primeiro momento, em que a Mauritânia se configurava como

atrativa para trabalhadores de países vizinhos; posteriormente vemos sua transformação em um país de trânsito, ou seja, aquele com rotas privilegiadas para as migrações irregulares, como via para a Europa. Tal cenário, de diferentes rotas e ritmos de migração, modificou paisagens e impulsionou a "economia do trânsito" por um período de cerca de cinco anos. Por volta de 2006, com as políticas restritivas e os acordos de fronteiras externas implantadas pela União Europeia (por exemplo, o FRONTEX[3]), o país passa a vivenciar um período que os autores denominam de "pós-trânsito", com milhares de migrantes que ficam no país em condições miseráveis e sendo alvo de atitudes xenófobas.

13 Kastner aborda questões semelhantes, trazendo ao leitor as histórias de mulheres nigerianas que tentam chegar à Europa através do Estreito de Gibraltar, entre a Espanha e o Marrocos. Em seu capítulo, vemos surgir o componente do corpo feminino como um dos recursos em mãos – por vezes o único – para atingir seus objetivos. O corpo como um *locus* de violência. Seu capítulo é marcado pela apresentação das dinâmicas complexas que determinam esses fluxos, o crescimento das zonas de fronteiras, a migração como um negócio para muitos, o surgimento de novas rotas e a pressão europeia sobre o Marrocos enquanto país de trânsito, e a consequente avaliação dos migrantes como indivíduos potencialmente perigosos, como escória que deve ser combatida. Por meio das categorias que surgem no decorrer das viagens – *beating* ou *staying trankil* – Kastner mostra como os nigerianos lidam com a gama de fronteiras que eles devem cruzar nos seus caminhos para a Europa, inclusive as fronteiras do próprio corpo. Embora cada migrante tente parecer o mais invisível possível, sua clandestinidade impacta as populações locais, que acabam por participar de uma cadeia de negócios longa, altamente lucrativa e permeada por riscos.

14 A temática dos riscos inerentes às jornadas, incluindo o risco de morte, transversaliza as análises que compõem esta obra. É Poeze, no capítulo sobre migrantes senegaleses cruzando o mar em direção às Ilhas Canárias, quem vai encarar as seguintes questões: estariam estes emigrantes cientes dos riscos que irão enfrentar? Como estes riscos informam suas decisões de emigrar por tais meios, seja por terra, seja por mar? Para respondê-las, a autora opta pelo caminho das motivações, da construção da decisão de emigrar em embarcações com capacidade que varia de 50 a 80 pessoas.

15 Apresentando dois casos de jovens senegaleses que se lançaram nessas jornadas, a autora argumenta que a decisão de sair envolve um amplo rol de fatores que incorpora tanto as possibilidades positivas quanto as negativas. Tal decisão só pode ser entendida no contexto das dinâmicas sociais locais, tais como as obrigações familiares marcadas pela reciprocidade e pela expectativa de que esses jovens possam contribuir para o sustento parcial ou integral de seus parentes; o desejo de consumir bens associados à modernidade global só alcançável pela emigração, dentre outros fatores.

16 E os riscos? Estes também permeiam as narrativas como possibilidades. A não efetivação da viagem, a ameaça de nunca chegar ao destino e as chances de morte aparecem nos relatos como imponderáveis, como vontade de Deus. Por outro lado, há estratégias que podem aumentar as probabilidades de sucesso da jornada. A escolha do organizador da viagem, a consulta a líderes espirituais (*marabout*) que fornecerão poções para serem consumidas antes e durante a travessia, a manutenção do segredo para evitar a inveja, e a entrega da expedição "nas mãos de Deus", todas estas são estratégias comuns que diminuem os riscos de cruzar o Atlântico em pequenos barcos.

17 Tais estratégias serão aprofundadas por Gemmeke. Seu capítulo tem por objetivo adentrar o universo dos *marabouts* e abordar os aspectos transnacionais desta atividade religiosa. Em uma pesquisa realizada no Senegal e na Holanda, a autora busca analisar os padrões migratórios entre Senegal e Europa e as relações entre os *marabouts* e seus clientes no Senegal e na emigração. Estes especialistas espirituais, por um lado, realizam a conexão entre os mundos apartados pelas experiências migratórias, sejam internas ou transnacionais. Ao serem consultados pelos aspirantes a emigrantes ou pelas famílias que ficaram, fazem do empreendimento migratório algo possível, mas seu potencial de mediação não se encerra com o fim da viagem. Uma vez na Holanda, os informantes de Gemmeke apontam para a importância da influência dos *marabouts* na diáspora. É nesse ponto da análise que vemos surgir um tipo diferenciado de fluxo migratório, aquele dos especialistas religiosos que transitam entre Senegal e Europa, por avião, financiados por seus clientes, os *marabouts* em trânsito. Diferentemente dos demais migrantes que permeiam as páginas do livro, os *marabouts* transitam livremente entre as fronteiras geográficas, políticas, econômicas e religiosas, oferecendo seus discursos e suas práticas, seus conhecimentos e suas performances aos clientes, traduzindo visões de mundo.

18 Esses personagens se beneficiam duplamente das políticas restritivas à emigração. Se, por um lado, são eles que atualizam as estratégias de minimização dos riscos ao serem consultados sobre as viagens, abençoando-as, por outro, sua posição privilegiada permite que eles mesmos possam transitar com facilidade por fronteiras que aparecem fechadas para tantos outros. Isto nos leva à outra dimensão abordada pelos autores de *Long Journeys*: as diversas implicações do estar em trânsito.

19 O caso dos *marabouts* nos remete à rica abordagem de Andrikopoulos sobre os impactos da classe e do dinheiro no processo migratório e a crescente relação entre a legalidade dos imigrantes na Europa e seu *status* socioeconômico nos países de origem. Seu capítulo enfrenta de forma direta uma das questões que perpassam a coletânea – quem são aqueles que podem e os que não podem entrar na Europa regularmente. Sua abordagem captura um ponto central, mas frequentemente ausente nos estudos migratórios, os diferentes padrões e a alta complexidade das trajetórias migratórias (migrações de elite, migrações por motivos profissionais e de estudo, dentre outras). No que concerne aos recursos necessários para realizar as travessias, o dinheiro não é um mero detalhe, como o autor afirma, pois aqueles que são pobres na Nigéria não podem sequer cobrir os custos necessários de uma emigração por vias irregulares, ou seja, classe e dinheiro são aspectos fundamentais para o entendimento das dinâmicas migratórias africanas.

20 Caminhando para o final da coletânea, chegamos a um dos temas centrais proposto pelos editores: a temática das dinâmicas políticas que moldam as trajetórias individuais destacadas até então. Os capítulos de Marfaing e Triulzi sistematizam tais dinâmicas políticas, por vezes contraditórias, que têm sido implementadas nos países de trânsito. Temos o cenário da África ocidental, com suas fronteiras porosas e encarando a migração circular como estratégia fundamental de sobrevivência de suas populações (cerca de 7,5 milhões de pessoas nesta região vivem em movimento e fora de seus países de origem). Este é um fator tão estruturante que foi declarado, em 2007, como um dos objetivos da ECOWAS (Economic Community of West African States), um acordo regional que institui políticas migratórias comuns entre os Estados membros. O movimento livre de pessoas na região é considerado no documento como precondição

para o desenvolvimento. Esta migração circular é o foco do capítulo de Marfaing, que objetiva demonstrar como os migrantes desenvolvem suas estratégias migratórias baseados em um cálculo de disponibilidade e compatibilidade dos recursos.

21 Entretanto, se a migração foi reconhecida pela ECOWAS como via para o desenvolvimento regional, a configuração de alguns de seus membros como países de trânsito e as políticas extraterritoriais da União Europeia vêm se sobrepondo às dinâmicas intracontinentais por meio de acordos de cooperação que acabam por reproduzir, em solo africano, as imagens negativas sobre a mobilidade, vista como ameaça e alvo de políticas de combate e restrição. Nesse contexto, países como Mauritânia, Marrocos, Tunísia, Senegal, Mali, Líbia e Argélia têm estabelecido um duro controle no sentido de detectar e impedir a passagem de migrantes para a Europa, estando ativamente engajados em guardar suas fronteiras e a lutar contra os imigrantes ilegais.

22 Estas posições políticas têm trazido diversas consequências negativas para a prática da mobilidade interna no continente. Um exemplo é a criação de centros de detenções nas fronteiras destes países, um deles chamado de "guantanamito", bem como o crescimento vertiginoso da "economia informal do transporte", do tráfico de pessoas, contrabandos diversos, violência sexual e demais tipos de subjugação aos quais estes migrantes têm que se submeter em suas longas jornadas.

23 Venho acrescentar aos casos apresentados na coletânea a situação atual de um pequeno país membro da ECOWAS que, no processo de diversificação das rotas, tem se configurado como país de trânsito entre o Senegal e as Ilhas Canárias, a República de Cabo Verde. Como os demais países citados anteriormente, o país formalizou uma parceria especial com a União Europeia em 2007 que objetivava fortalecer o diálogo e a convergência política, "oferecendo a Cabo Verde a oportunidade única de desenvolver novos links entre migrações e desenvolvimento" (Carling, 2008:10). Um aspecto previsto pelo lado europeu consiste em uma nova política de concessão de vistos para cabo-verdianos. Em troca, o país cooperaria com países europeus na luta contra a imigração não autorizada e o tráfico de narcóticos.

24 O contexto do acordo com Cabo Verde não difere daquele relatado ao longo da coletânea aqui apresentada, pois desde os anos 2000 o arquipélago se configura como país de trânsito para migrantes não autorizados, ou seja, pessoas oriundas de países como Mali, Gana e Senegal têm utilizado Cabo Verde como rota para chegar às Canárias ou até mesmo a caminho do Caribe. Dentre os organizadores da viagem, há nigerianos, ganenses e cabo-verdianos que trazem os migrantes por avião e os embarcam em barcos de pesca ou em navios empregados em grandes operações de tráfico humano e/ou de drogas (Andrade, 2000).

25 A fragmentação das responsabilidades pelo controle das fronteiras entre órgãos do governo em Cabo Verde e a situação de relativo isolamento da costa das ilhas (a Ilha de Santo Antão, por exemplo, é bastante procurada para a realização dessas operações em função de suas características geográficas) facilitam a condição do país como rota privilegiada para migrações irregulares. O acordo com países como Espanha e Portugal opera exatamente no sentido de ampliar a vigilância da costa e coibir as operações de tráfico.

26 Interessante notar que a moeda de troca dos países europeus se traduz na facilitação da concessão de vistos para cabo-verdianos que, como já vastamente tratado na literatura sobre o arquipélago (Lobo, 2012; Fikes, 2009; Trajano Filho, 2009; Åkesson & Carling,

2009), historicamente emigram para os Estados Unidos e a Europa em redes de parentesco que fazem da prática migratória um fator estruturante na vida social e cultural das ilhas. Cabe salientar, por fim, que, ainda como um país de trânsito, os nacionais continuam optando por emigrar por meios convencionais: o transporte mais utilizado é o avião, e as estratégias empregadas são as de entrar nos países de destino com vistos de turismo ou utilizando a lógica da reunificação familiar permitida por diversos países europeus ou, ainda, o casamento entre cabo-verdianos das ilhas e da diáspora.

27 O caso de Cabo Verde como país de emigrantes e, mais recentemente, de trânsito apresenta estratégias de mobilidade combinadas que não são tratadas no âmbito da coletânea. Na tentativa de trazer para a discussão as trajetórias marcadas pela violência física e moral que permeia os caminhos migratórios de milhares de africanos que aspiram às possibilidades de vida numa Europa imaginada, ficam alguns "não ditos" que podem levar o leitor a reduzir as dinâmicas migratórias entre o continente africano e europeu a narrativas trágicas e amplamente ressaltadas pelos insucessos.

28 Tal leitura seria equivocada porque não reflete a realidade migratória entre os continentes, uma realidade de ampla complexidade que não deve ser reduzida nem ao ícone da violência nem tampouco à imagem romântica de um mundo globalizado e sem fronteiras, no qual as pessoas circulam livremente e têm acesso a bens e às inúmeras oportunidades de um mundo em que tudo que é sólido se desmancha no ar. Diversos são os fatores e as estratégias que fazem com que alguns sejam mais bem-vindos, mais legais ou mais aptos ao ir e vir do que outros. Diversas, também, são as dinâmicas políticas em jogo no sentido de facilitar/restringir os fluxos globais, saliento o processo de "exportação de discursos civilizacionais" em curso por meio dos acordos de controle de fronteiras entre União Europeia e países de trânsito em África.

29 *Long journeys* tem o mérito de se propor a abarcar tal complexidade investindo em análises que privilegiam as jornadas. Ao se distanciar das imagens tão comuns na literatura sobre migrações e a respeito de imigrantes em seus lugares de destino, os autores trazem à tona as diversas possibilidades de mobilidades e imobilidades que dimensionam e redimensionam os empreendimentos migratórios entre África e Europa. Mais do que isso, a coletânea, ao incorporar a dimensão histórica, coloca em seu devido lugar as associações rasteiras entre migrações contemporâneas e colonialismo, por um lado, e mobilidade e globalização, por outro. Nesse sentido, o livro constitui uma contribuição importante aos interessados nos estudos migratórios em sociedades africanas, oferecendo sobretudo uma reflexão aguçada sobre as dinâmicas mais recentes deste que é um campo dinâmico, pois marcado por (i)mobilidades que se reconfiguram cotidianamente.

BIBLIOGRAFIA

ÅKESSON, L. & CARLING, J. 2009. "Mobility at the heart of a nation: patterns and meanings of Cape Verdean migration". *International Migration*, 47 (3):123-155.

ANDRADE, A.L. 2000. "Senegaleses livres, restantes à espera". *A Semana* (Praia), 24, Março.

BÁLSAMO, Pilar Uriarte. 2009. *Perigoso é não correr perigo. Experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul.* Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARLING, Jorgen. 2001. *Aspiration and ability in international migration Cape Verdean experiences of mobility and immobility*. Thesis submitted to Department of Sociology and Human Geography, University of Oslo.

_____. 2007. "Unauthorized migration from Africa to Spain". *International Migration,* 45 (4): 03-37.

_____. 2008. *Policy challenges facing Cape Verde in areas of migration and diaspora contributions to development*. Oslo: Prio Papers.

DE GENOVA, Nicholas. 2002. "Migrant 'illegality' and deportability in everyday life". *Annual Review of Anthropology*, 31:419-447.

DIAS, Juliana & LOBO, Andréa (eds.). 2012. *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações.

FIKES, K. 2009. *Managing African Portugal. The citizen-migrant distinction*. Durham: Duke University Press.

LOBO, Andréa. 2012. *Tão longe tão perto. Famílias e "movimentos" na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde.* Praia: Edições UniCV.

SCHILDKROUT, Enid. 2007 [1978]. *People of the Zongo. The transformation of ethnic identities in Ghana.* New York: Cambridge University Press.

KOPYTOFF, Igor. 1987. "The internal african frontier: the making of African political culture". In: Igor Kopytoff (ed.). *The African Frontier.* Bloomington: Indiana University Press. pp. 3-48.

TRAJANO FILHO, Wilson. 2009. "The conservative aspects of a centripetal diaspora: The case of the Cape Verdean *Tabancas*". *Africa,* 79 (4):520-542.

NOTAS DE FIM

1. Dagmawi dirigiu e codirigiu diversos documentários e curtas sobre a temática das migrações para a Itália, dentre eles *C.A.R.A Italia* (2009), *Soltanto il mare* (2010) e *Benvenuti Italia* (2011). *Come un uomo sur la terre* (2008) é seu filme mais importante e, com ele, o diretor ganhou diversos prêmios. O filme foi exibido mais de 500 vezes pela Europa e a América do Norte.

2. Formalmente, um migrante irregular é aquele que entra em um país que não o seu sem portar passaporte (Carling, 2007).

3. A Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia foi criada em 2004. A FRONTEX coordena a cooperação operacional entre os Estados-Membros no domínio da gestão das fronteiras externas; apoia os Estados-Membros na formação dos guardas de fronteiras nacionais, incluindo a definição de normas de formação comuns; realiza análises de risco; acompanha a evolução da investigação relevante em matéria de controle e vigilância das fronteiras externas; apoia os Estados-Membros em circunstâncias que exijam assistência operacional e técnica reforçada nas fronteiras externas; e faculta aos Estados-Membros o apoio necessário no âmbito da organização de operações conjuntas de regresso. Fonte: http://europa.eu/about-eu/agencies/regulatory_agencies_bodies/policy_agencies/frontex/index_pt.htm. Acesso em: 05/12/2013.

AUTOR

ANDRÉA LOBO

UnB